

# AGIR JORNALÍSTICO EM CENÁRIOS DE CRISE HUMANITÁRIA: NARRATIVAS COMPREENSIVAS ORIENTADAS PARA A PAZ

**Tayane Abib**

Mestre e doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)

E-mail: tayane.abib@unesp.br

## RESUMEN

Además del modelo noticioso hegemónico, este estudio se dedica a pensar caminos narrativos para la cobertura periodística en escenarios de crisis humanitaria. Propone, así, aproximar los campos de estudio de la comprensión y de la comunicación para la construcción de una cultura de paz, de modo a subrayar posibilidades de una práctica del reportaje dialógico y sensible a los contextos de hombres y mujeres implicados en tales realidades. Buscando dilucidar la reflexión, con base en las narrativas de los periodistas Paulo Moura -portugués- y Bru Rovira -español- para identificar en sus registros la dinámica de actuación sobre el continente africano.

**Palabras clave:** Comunicación, la comprensión como método, periodismo para la paz, Paulo Moura, Bru Rovira.

## RESUMO

Para além do modelo noticioso hegemônico, dedico-me a pensar caminhos narrativos para a cobertura jornalística em cenários de crise humanitária. Proponho, assim, aproximar os campos de estudo da compreensão e da comunicação para a construção de uma cultura de paz, de modo a sublinhar possibilidades de uma prática de reportagem dialógica e sensível aos contextos de homens e mulheres implicados em tais realidades. Buscando elucidar a reflexão, atento-me às narrativas do jornalista português Paulo Moura e do espanhol Bru Rovira para identificar, em seus registros sobre o continente africano, essa dinâmica de atuação.

**Palavras chave:** Comunicação, a compreensão como método, jornalismo para a paz, Paulo Moura, Bru Rovira.

## ABSTRACT

Beyond the hegemonic model of news reporting, I commit myself to propose narrative ways for journalistic coverage in a context of

humanitarian crisis. I thus propose to approximate the study fields of comprehension and communication for constructing a culture of peace, in order to highlight the possibilities of dialogical reporting, sensible to the realities of men and women afflicted by such crises. In order to elucidate my reflections, I point out this approach on the narratives about Africa written by Portuguese reporter Paulo Moura and Spanish reporter Bru Rovira.

**Keywords:** Communication, comprehension as a method, journalism for peace, Paulo Moura, Bru Rovira.

## AGIR JORNALÍSTICO EM CENÁRIOS DE CRISE HUMANITÁRIA: NARRATIVAS COMPREENSIVAS ORIENTADAS PARA A PAZ

*Solemos presentar a aquellos que sufren como seres molestos, quizá para apartar la idea de que algo similar pueda ocurrirnos algún día a nosotros: a lo mejor, todo esto tenga algo que ver con el sentimiento que preside nuestra relación con África, el sentimiento no admitido de que es preferible ignorar lo que no podemos soportar; ignorarlo también porque, de saberlo, no podríamos soportarnos a nosotros mismos.*

Bru Rovira, em  
*Áfricas: cosas que pasan no tan lejos.*

A realidade dos homens e mulheres que vivem em contextos de crise humanitária nos interpela todos os dias. Dados estatísticos, imagens e manchetes alarmantes anunciam, por diferentes plataformas midiáticas, o drama dos refugiados, o maior desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), assinalando a luta pela sobrevivência de uma humanidade tão desejosa de progresso e, ainda assim, mais disposta a erguer muros que construir pontes, mais interessada em eliminar a diversidade que a reconhecer que compartilhamos uma natureza comum. A nave Terra, alerta Edgar Morin (2003, p. 19), “navega pela noite bruma numa aventura desconhecida”, enquanto o homem resiste a aceitar que o problema que afeta a cultura contemporânea é da ordem da relação: “reencontrar-se consigo mesmo, reencontrar no outro a origem e o complemento essencial de si mesmo, restabelecer a paz com o corpo, com o alter e com a natureza”.

Ano a ano, a Agência de Refugiados das Nações Unidas (UNHCR) nos fornece relatórios com os indicativos do novo cenário mundial: em 2017, a população deslocada à força aumentou em 2,9 milhões com relação ao ano anterior, totalizando em 68,5 milhões o número de pessoas desalojadas no mundo. Devido a perseguições, conflitos ou violência generalizada, estima-se que, todos os dias, uma média de 44.400 pessoas esteja sendo forçada a fugir de casa. Hoje, uma em cada 110 pessoas no mundo está deslocada, e cerca de metade da população refugiada é de crianças com menos de 18 anos.

A despeito desse vasto catálogo de desgraça e de injustiça que nos é apresentado rotineiramente, parece-nos quase impossível apreender a realidade de dor do

Outro. O mundo hipersaturado com registros do horror só consegue nos oferecer, como diz Susan Sontag (2003, p. 52), “certa familiaridade com o choque, levando o horrível a parecer mais comum — levando-o a parecer familiar, distante, inevitável”. Existiria um modo, questiona a autora, de deixar uma marca mais funda, no que diz respeito ao relato dessas atrocidades?

Acompanhando essas inquietações, na esteira das reflexões sobre a crise humanitária que aflige nosso século, dedico-me a discutir o potencial da narrativa jornalística enquanto “uma das respostas humanas diante do caos” (Medina, 2006, p. 67). À luz do método da compreensão, buscarei promover diálogos entre a Epistemologia Complexo-Compreensiva e os Estudos de Comunicação para uma Cultura de Paz, sublinhando horizontes comuns que podem ajudar a delinear possibilidades práticas para o campo de atuação noticiosa.

De maneira elucidativa, proponho um olhar mais atento ao trabalho de reportagem do jornalista português Paulo Moura e do espanhol Bru Rovira, enquanto sujeitos imbricados em um continente fronteiriço aos países de onde partiram os maiores fluxos migratórios em 2017.<sup>1</sup> Destacarei, nesse sentido, exemplos de valores e técnicas jornalísticas expressas em dois livros – *Passaporte para o céu* (Moura, 2005) e *África: cosas que pasan no tan lejos* (Rovira, 2006) –, com o intuito de indicar a necessidade de tessituras outras que não as do modelo convencional, se quisermos que o jornalismo se inscreva como lugar de “contribuição histórica para os embates contemporâneos” (Medina, 2006, p. 50).

## Ensinamentos complexo-compreensivos

Ensaçando caminhos narrativos para o registro da vida humana em cenários de conflito, como os que se observam no continente africano, aciono, em um primeiro momento, a perspectiva epistemológica defendida por Dimas Künsch (2005), que associa as concepções de complexidade e compreensão (Morin, 2002, 2003), alargando-as ao território das práticas jornalísticas.

A ideia de progresso, sob o tripé ciência, técnica e indústria, que sustentou a marcha da história moderna, encontra-se cada vez mais em xeque, segundo Edgar Morin (2003, p. 14). A deflagração das duas guerras mundiais, no século XX, escancararam a radical ambivalência de suas promessas, fazendo “regressar à barbárie as nações mais avançadas”. Como resposta à crise da noção de progresso, o autor francês propõe o pensamento complexo, que comporta a fragilidade e o sentimento, agudo e difuso, do incerto.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> De acordo com a UNHCR (2017, p. 3), 68% dos refugiados do mundo inteiro vêm da Síria (6,3 milhões de pessoas), Afeganistão (2,6 milhões), Sudão do Sul (2,4 milhões), Myanmar (1,2 milhão) e Somália (986.400 mil).

<sup>2</sup> Em sua dissertação de Mestrado, Carolina Klautau (2018) empreende uma travessia epis-

Diante da ameaça do perigo da destruição da biosfera, das catástrofes demográficas e mesmo da escalada do armamentismo atômico, que nos despertam para a consciência do caráter do desconhecido que, mais do que nunca, assola a humanidade, Morin indica que nos falta a capacidade de contextualizar e de globalizar.

A mundialização, ou a era planetária, iniciada no final do século XV, com as viagens de Cristóvão Colombo e de Vasco da Gama, coloca-nos em comunicação, cada vez mais acelerada e ampliada pelo impulso técnico da Europa ocidental, com o mundo todo. Ainda assim, observamos o fato de que “as etnias, as nações e as religiões frequentemente se fecham em si mesmas; ou seja, se veem como o centro do mundo, onde a parte se julga mais importante que o todo” (Morin, 2003, p. 27).

Eis, então, o nosso paradoxo: dispomos dos meios informativos para conhecer o que se passa até mesmo nas regiões mais longínquas, mas temos dificuldade em situar os dados na história mundial. E, como bem pondera o pensador francês, “não há nenhuma consciência pertinente que seja válida se não tiver pelo menos o mundo como horizonte para todos os grandes problemas” (Morin, 2003, p. 27). Somos, por isso, herdeiros de um paradigma de simplificação, de “uma inteligência cega que destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente” (Morin, 2007, p. 12), que nos leva a negligenciar a multidimensionalidade da informação, assim segmentando os diversos aspectos do mundo.

A isso acrescenta-se nossa dificuldade em valorar o elemento mais importante da racionalidade ocidental, sob a ótica de teórico francês: a nossa faculdade autocrítica. É a introspecção, pelo exercício do autoexame, que nos abre à compreensão, recordando-nos de que há um Outro em nós. Em última instância, despertando-nos para a descoberta de uma responsabilidade pelo próximo: “Eu me vejo a partir do outro, exponho-me a outrem, tenho contas a prestar”, ensina-nos Emmanuel Lévinas (1997, p. 123).

Destaca-se, nesse sentido, a episteme que torna a complexidade companheira indissociável da compreensão, na defesa de um pensamento democrático: complexo, ao exercitar a escuta e se fortalecer na interface com o contraditório e o antagônico, e compreensivo, ao reforçar os sentidos dialógicos, de não-arrogância e de não-violência. Inscrita no universo das práticas jornalísticas, a epistemologia complexo-compreensiva pode fundamentar uma ética cognitiva capaz de valorizar a problematização e fomentar o signo da relação interpessoal.

---

temológica pelas noções de incerteza e de complementaridade dos opostos, destacando suas contribuições para “uma prática jornalística na contemporaneidade que seja menos redutora, fragmentada, explicativa e determinista; dito de outra forma, que seja mais complexa e compreensiva”.

Quando o repórter rompe com a racionalidade positivista, abre-se à pluralidade, às múltiplas causas e dimensões do humano. Abandona, assim, a visão estreita, a tendência à explicação, o condicionamento à padronização, lançando-se às narrativas nas quais se compreende e, tal como nos diz Luís Mauro Sá Martino (2010, p. 7), “se abraça, se entende o espaço intersubjetivo no qual todos estamos”.

Pela guinada complexo-compreensiva, então, sublinha-se os limites e entraves de um *modus operandi* jornalístico de tipo reducionista. Está-se a defender o poder da narrativa, à luz da aceção aqui assumida, “de reinventar os sentidos que reconstroem o cosmos em meio ao caos eterno da existência” (Künsch, 2010, p. 27). Quer-se lançar ao cenário das possibilidades os textos polifônicos e polissêmicos, de renúncia ao legado racionalizador da modernidade, como um marco de resistência ao analfabetismo afetivo – que orienta a cultura ocidental e dificulta a enunciação de um discurso sobre a ternura (Restrepo, 1998).

Enveredando-se por essas rotas, o jornalismo assume os contornos do princípio dialógico, de que fala Martin Buber (1949), situando-se na esfera do “entre”, quando “dois-estão-em-recíproca-presença”, constituindo-se como lugar de encontro que pode transformar os atores em relação. A necessidade do Outro, que nos é radical, mostra a incompletude do Eu sem reconhecimento, assinalando a própria estranheza que todos nós carregamos – essa, que segundo Christoph Wulf (2003, p. 36, grifo do autor) “é uma *experiência essencial*, pois permite abrir-nos às outras culturas”.

É nesta chave de reflexão que Julia Kristeva (1994, p. 9) também discute a problemática do estrangeiro. “Símbolo do ódio e do outro”, escreve a pensadora búlgaro-francesa, “o estrangeiro habita em nós, é a face oculta de nossa identidade”, “começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros”. Pela consciência de nossa estranheza se faz possível, nesse sentido, reconhecer o Outro como sujeito que pode “sofrer como nós, amar como nós, chorar como nós” (Morin, 2003, p. 35) – na convivência harmoniosa das diferenças.

Identifica-se em tal perspectiva, por isso, vias abertas para a emergência de narrativas polifônicas e polissêmicas, em convergência com as buscas e interesses que norteiam os estudos de comunicação para uma cultura de paz. Desse encontro, assim entendo, podemos depreender elementos-chave para a tessitura de relatos sensíveis acerca da crise humanitária do continente africano.

### **Em aproximação com os estudos de comunicação para a paz**

Reflexões sobre a comunicação para a paz, no âmbito das experiências jornalísticas, discutem aspectos e questões que perpassam os critérios tradicionais de construção noticiosa. Trata-se de um conceito que reivindica novas rotinas profissionais e

parâmetros de informação, referindo-se, tal qual aponta Alex Salinas (2014, p. 59), “a la potencialidad de los discursos para promover el diálogo, la discusión y el debate público, en un marco de reconocimiento y respeto hacia el otro/otra”.

Como campo que desperta interesse multidisciplinar, as diferentes linhas investigativas dos Estudos para a Paz fundamentam-se nas análises sobre violência realizadas por seu fundador Johan Galtung. De acordo com os escritos do sociólogo norueguês, concebe-se, para além da violência direta – física e/ou verbal –, as tipologias de violência estrutural e cultural. Na primeira, “es la estructura en sí misma que es violenta por ser demasiado represiva, explotadora o alienadora” (Galtung, 1998, p. 15), enquanto na violência cultural, alude-se aos aspectos da cultura e da esfera simbólica que acabam por legitimar a violência direta e estrutural. Refere-se, neste sentido, àquelas formas não-materiais, como o discurso midiático, que podem justificar situações violentas – que já tenham um caráter direto ou estrutural.

Na década de 1970, ao notar que uma quantidade considerável de conteúdo jornalístico sobre conflitos baseava-se na lógica dualista que orienta a cobertura esportiva, com foco nos vencedores, Galtung usou pela primeira vez o termo “Jornalismo para a Paz”. Sob seu prisma, essa vertente deveria se assemelhar às coberturas sobre saúde, interessando-se pelos fatores ambientais, sociais, pelas possibilidades de cura e de prevenção. Desde então, o campo se enriquece com análises acadêmicas e profissionais de autores como Xavier Giró, Annabel McGoldrick, Jake Lynch, entre outros, que buscam destacar o poder das narrativas jornalísticas nos quesitos de reflexão e compreensão sobre os atores e fatores envolvidos em realidades de conflitos e de crise humanitária.

Tal corrente investigativa confronta, neste sentido, a visão unidirecional que circunscreve a paz como ausência de guerra ou de violência direta. Expandido o conceito, assume-se a paz como “un proceso que se construye y que necesariamente se vincula con la justicia social” (Salinas, 2014, p. 62). Nele, a Comunicação desempenha um papel decisivo no fomento do debate público sobre os problemas estruturais que se produzem em esfera local, nacional e mundial, podendo registrar caminhos e alternativas para uma transformação social.

Além disso, o produto midiático pode contribuir para o reconhecimento das diferentes opiniões, crenças e culturas – a polifonia e a polissemia, pilares da Epistemologia Complexo-Compreensiva –, favorecendo uma interação horizontal, desde um enfoque dialógico. Trata-se de uma perspectiva que, ao se atravessar pelos marcos da compreensão, da confiança, da solidariedade e da cooperação, destaca o valor da interdependência, “o tecido em conjunto”, a que se refere o *complexus*, assim se posicionando para “indignar y sensibilizar la ciudadanía sobre las realidades de exclusión” (Salinas, 2014, p. 63).

Atenta-se, por isso, às vozes ocultas ou negadas, o homem ordinário – do qual diz Michel de Certeau (1994, p. 57), “murmúrio das sociedades de todo tempo”, assumindo como critério uma mirada inclusiva e diversa na seleção de temas e fontes jornalísticas. Com isso, incorpora personagens que tradicionalmente contam com um espaço secundário na mídia, dando protagonismo aos cidadãos comuns a partir da relação que busca o “outro” no “eu”, e vice-versa, tal qual enfatizada na compreensão intersubjetiva concebida por Morin (2002).

Por isso, uma das principais características do jornalismo de paz, comentada por esses teóricos, é a desvinculação da prática noticiosa ao critério da objetividade, identificado por Gaye Tuchman (1972) como um ritual estratégico<sup>3</sup> no contexto profissional. Para Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000, p. 23, tradução nossa),<sup>4</sup> “a objetividade pode produzir uma narrativa superficial – ao obscurecer a maneira como ela veio a ser, pode nos impedir de ver como poderia ter sido, fazendo a mudança parecer impossível e reduzindo as possibilidades de soluções criativas”.

Nas trilhas de um tratamento complexo-compreensivo, desse modo, conjugam-se possibilidades para uma cobertura jornalística orientada para a paz,<sup>5</sup> inscrita em relações espaço-temporais abertas e interessada em explorar a formação de conflitos em sua multiplicidade de problemas, evidenciando a profundidade de suas consequências e efeitos nem sempre visíveis – marcas essas identificadas no trabalho de reportagem do português Paulo Moura e do espanhol Bru Rovira.

### **Mais além da prática jornalística tradicional: a reportagem de Paulo Moura**

Com uma trajetória profissional marcada por 23 anos de contribuição ao jornal português *Público*, Paulo Moura, atualmente jornalista *freelancer*, consagrou-se por sua atuação em zonas de conflito em todo o mundo, especialmente em países da África e da Ásia. Assumindo-se como um repórter sem especialização, que “procura as situações que são menos conhecidas, o lado humano, essa dimensão de observar o comportamento naquilo que é a construção de uma narrativa”

---

<sup>3</sup> A autora afirma que a objetividade atua como um mecanismo de defesa e proteção dos profissionais: “os jornalistas invocam procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos limites cognitivos da racionalidade [...] invocam sua objetividade quase do mesmo modo como um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos” (Tuchman, 1972, p. 75).

<sup>4</sup> No original: Objectivity can also produce a superficial, surface narrative – by obscuring the way it came to be, it can prevent us from seeing how it could come to be different, making change seem impossible and cutting down the options for creative solutions.

<sup>5</sup> Conferir artigo de Raquel Cabral e Jorge Salhani (2017) que, ao discorrer sobre o Jornalismo para a Paz, apresenta suas especificações e características. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1371>>.

(Moreira, 2017, p. 118)<sup>6</sup>, Moura se interessa pelo simbolismo manifesto nas vidas supostamente comuns – em uma prática que dialoga com a acepção noticiosa do Desacontecimento<sup>7</sup> (Ventura; Abib, 2015).

A mirada sensível aos fatos não-marcados pela noticiabilidade convencional, àqueles que, segundo Sodré (2009, p. 76), não são “imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia”, caracteriza o exercício narrativo de Paulo Moura, a insistir, tal qual diz Michel Maffesoli (2010, p. 65), “na nobreza da vida cotidiana”, nesse “ordinário em que é elaborado o conhecimento do social”. Nas ruas das grandes cidades ou nas vielas de povoados, em Portugal ou no mundo,<sup>8</sup> seus textos se articulam por sua “grande curiosidade em tentar compreender os outros, mesmo aqueles que são completamente diferentes de mim, e dar-lhes o mesmo crédito que dou às pessoas de quem eu gosto e com quem concordo” (Moreira, 2017, p. 123).

Seu trabalho de reportagem é, nesse sentido, imersivo, operando sob uma lógica comunicacional para além da simples coleta e transmissão de informações: “significa [...] ficar lá para experimentar, sentir, viver as situações tal como os protagonistas as vivem” (Martins, 2012, p. 30)<sup>9</sup> – tal qual concebe Ciro Marcondes Filho (2002, p. 88): “sentir junto, participar da existência do outro, conhecê-lo, mesmo que ele não diga, mesmo em seu silêncio [...] o mais denso e profundo que se possa imaginar”.

É essa conduta que sustenta o ofício narrativo de Moura na obra *Passaporte para o céu* (2005), que relata o dia a dia de imigrantes subsaarianos nos arredores de Tânger, na floresta de Missnana, no sonho de cruzar a fronteira de Ceuta e alcançar a Europa, e também daqueles que, já tendo chegado a esse céu, “encontraram uma história interminável. Encontraram o inferno” (Moura, 2005, p. 9).

Do outro lado do mar de Portugal, Moura se dedica a acolher as histórias arrebatadoras que contam sobre o drama humanitário do nosso século, e que dificilmente o aparato convencional do jornalismo tradicional consegue trazer à tona – Mark Kramer (2005, p. 5), no prefácio do livro, nos dá pistas do porquê: “[os personagens] são estrangeiros numa época de declínio das coberturas noticiosas

---

<sup>6</sup> Entrevista de Paulo Moura concedida a João Moreira, 2017.

<sup>7</sup> Universo de práticas alternativas aos procedimentos jornalísticos tradicionais, fundamentado a partir da dinâmica produtiva da jornalista brasileira Eliane Brum, e manifesto pela noticiabilidade de fatos não-marcados (Sodré, 2009) e por dispositivos dialógico-afetivos (Buber; Medina) e complexo-compreensivos (Künsch; Morin).

<sup>8</sup> Entre suas obras de destaque, cita-se *Depois do fim* (2016), *Extremo Ocidental* (2016) e *Longe do mar* (2014).

<sup>9</sup> Entrevista de Paulo Moura concedida a Carla Martins, 2012.

internacionais, e pobres numa época em que são os ricos que nos fascinam, e porque o seu terrível dilema se tornou uma rotina, numa imprensa sedenta de novidades, não tem havido muito a dizer”.

Alinhado ao movimento intersubjetivo que engendra a dinâmica complexo-compreensiva no contexto da reportagem, Paulo Moura busca se aproximar das vidas que, ainda que estranhas a sua, recordam-nos “de nossa aptidão não em aceitar o outro, mas de *estar em seu lugar* – o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo” (Kristeva, 1998, p. 21, grifo da autora). Na abertura empática aos *camarades* – denominação dos marroquinos aos africanos que tentam chegar à Europa –, Moura (2005, p. 12) relata o que experienciou “através do olhar opaco dos heróis, dos que já vivem na Europa” e também o que entrevistou “nos caminhos secretos dos imigrantes, os caminhos que não levam a lugar nenhum”.

Subverte, assim, com seu registro acerca das memórias e motivações desses imigrantes, o posicionamento que, comumente, assola as relações com o estrangeiro: “ninguém o escuta, a palavra jamais é sua. [...] Por que a escutariam? Não tem cacife suficiente – não tem ‘peso social’ – para tornar a sua palavra útil” (Kristeva, 1998, p. 28). Seu convívio com os *camarades* busca dar conta da complexidade de sensações que habitam o imaginário e a brutalidade dos dias daqueles que decidem, a dois mil euros cada um, embarcar em um *‘zodiac’* clandestinamente, como se depreende do depoimento de Jonathan, de 29 anos: “eu sei que se chegar à Europa conseguirei tudo [...]. Vocês, no cristianismo, acreditam no Céu, não é? Pois, para mim, o Céu é a Europa”.

Em uma configuração narrativa que destaca o testemunho das vidas marginalizadas, há, ainda, um posicionamento discursivo que interpela os interlocutores sobre suas responsabilidades e omissões: “na Europa, há alguém a viver em arbustos? O mundo sabe que passamos fome? Que estamos aqui sem teto, no inverno, à chuva e a frio? Que somos objeto de caçadas, de matanças?” (Moura, 2005, p. 87).

O texto dialoga, ainda, com as reflexões de Angie Biondi (2013, p. 92) sobre o corpo sofredor, quando chama a atenção para os milhares que não conseguem sobreviver às travessias migratórias, “uma reserva ilimitada de vítimas do inconfessável, do arbitrário, do impune, do obscuro” (Moura, 2005, p. 88): “a morte dos refugiados serve para reiterar a vida que merece ser preservada diametralmente oposta àquela que precisa ser expulsa e exterminada”.

## **E a cobertura jornalística de Bru Rovira, em contextos de crise humanitária**

A descrição densa, que se aprofunda nas subjetividades que perfazem a realidade dos implicados nessas crises, também marca o trabalho de reportagem de Bru Rovira, delineando os registros que compõem o livro *Áfricas: cosas que pasan*

*no tan lejos* (2006), escritos durante a década de 1990, no período posterior à Guerra Fria.

Atualmente colunista do diário catalão *Ara* e com uma trajetória profissional marcada por 25 anos de atuação no jornal *La Vanguardia*, Rovira se consagrou na cobertura de pautas sociais e internacionais<sup>10</sup>. Assumindo a rua como *locus* de pertença jornalística, o repórter transita nos espaços de cruzamentos coletivos que remetem à cidadania, dedicando-se a, em consonância com o que diz Cremilda Medina (2006, p. 76), “reconstituir as histórias de vida num cenário das diferenças culturais que se assinam nas múltiplas oraturas, e cruzar as carências sociais com o gesto generoso [...] que mobiliza um laboratório altamente complexo e de fina sintonia com o presente”.

Situando-se em contextos de conflitos diversos, Bru Rovira se empenha em resistir ao predomínio do olhar mutilador e unidimensional que, quanto aos fenômenos humanos, como indica Morin (2007, p.13), traduz-se na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial”, combinando perspectivas múltiplas e reportando ora contextualizações sociopolíticas, ora experiências intersubjetivas, no registro das quatro Áfricas destacadas em seu livro: Sudão do Sul, Somália, Libéria e Ruanda.

Frente às realidades das guerras esquecidas, nas quais as vítimas não têm personalidade e “su lugar en el mundo se diluye en el mapa mudo de la desmemoria, desdibujando una geografía sin nombres” (Rovira, 2006, p. 129), a prática jornalística de Rovira o inscreve como “solidário amplificador dos silenciados, rigoroso artífice dos nexos no caos” (Medina, 2006, p. 98), assim sublinhando a importância de um ofício narrativo dialógico, de reconhecimento dessas histórias, para tirar-lhes do anonimato que estigmatiza o continente. Transparecendo a posição jornalística, e também política, da vinculação, o repórter espanhol (2006, p. 85-86) defende, em seus textos, a necessidade do envolvimento intersubjetivo: “para saber ‘de verdad’ hay que estar, mezclarse, sentir, aguzar los sentidos, la razón. Y el corazón”.

Em sua estada em Ruanda, após o genocídio de 1994, Rovira reporta as vivências do povoado local - entre sobreviventes, párocos de igrejas que abrigaram os refugiados durante os ataques e profissionais da área da saúde em missão, vindos de diferentes países da Europa. Especificamente em sua passagem pelos orfanatos de Nyamata, é possível notar um trato narrativo que, no compasso das sutilezas que envolvem os atores em relação, busca dimensionar as consequências dolorosas do massacre, a partir do testemunho de Cristina Pizzi, pediatra italiana em missão humanitária na região – “mujer que habla despacio, porque lo que

---

<sup>10</sup> Em 2002, recebeu o Prêmio Miguel Gil Moreno de Periodismo, e, em 2004, o Prêmio Ortega y Gasset, pelo conjunto de seu trabalho. Entre suas obras de destaque, cita-se: *Solo pido un poco de belleza* (2016), *El mapa del mundo de nuestras vidas* (2017) e *Maternidades* (2010).

cuenta son cosas que salen lentamente, que duele verbalizar, que rasga el alma escuchar” (Rovira, 2006, p. 196): “La doctora me enseña unos dibujos de los niños en los que se ven casas quemadas, perros, mujeres sin cabeza, machetes, sangre. - Siempre se habla de los muertos. Pero lo peor son los vivos, los supervivientes”.

Aliado ao tom sensível, que se mescla à denúncia das injustiças e da fragilidade dos direitos humanos em conflitos estruturais, Rovira trata também do cotidiano criativo da população local, na tessitura de um relato jornalístico que, orientado para a paz, conforme indica Salinas (2014, p. 70), concilia “las informaciones que empoderan con aquellas que denuncian los problemas existentes, especialmente los relacionados con las estructuras de violencia”.

Ao reportar sua passagem por Sudão do Sul, a cobertura de Rovira confere protagonismo à turnê do grupo *Atomic Music*, contratado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para uma campanha de mobilização em favor da vacinação contra a poliomielite e da prevenção da AIDS, destacando a figura de seu líder musical Sango Lohenzola. A realidade local é, assim, retratada pelo periodista a partir de seu dia a dia em viagem com a banda, que conta com quinze artistas refugiados das guerras na República Democrática do Congo: “el dinero, suele decir Sango, no es nada, se esfuma tal como llega, ¡zaz!, ¡visto y no visto! Lo importante, hermano, son las personas, los amigos. Ésa es su filosofía. Esto es Atomic Music (Rovira, 2006, p. 22).

### **Para se continuar a pensar**

A luta pela sobrevivência da humanidade, pondera Morin (2003, p. 42), “não se trava somente em Ruanda ou na Bósnia, ou em algum outro lugar, ela acontece em cada um de nós. Nós temos um inimigo assustador que somos nós mesmos”. E nessa aventura desconhecida pela qual nosso planeta navega, somente a tomada de consciência sobre o nosso pertencimento a uma pátria comum, para o pensador francês, pode nos salvar de um drama humanitário. “É preciso salvar a unidade, é preciso salvar a diversidade”, defende o autor, resistindo pelo pensamento da complexidade, que se opõe ao sufocamento das outras culturas e que aceita as tensões da convivência, partindo da compreensão intersubjetiva como forma de reconhecimento desse estranho, que também habita em nós mesmos.

Complexidade essa que também reivindica contexto, que pede abertura empática ao Outro, que nos demanda, conforme Dimas Künsch (2000, p. 290), uma “reviravolta no modo de se colocar diante do mundo e das pessoas”. Reafirmamos, por isso, à guisa de considerações, a experiência do encontro, ou do signo da relação (Medina, 2006), como fundamento a sustentar a atividade jornalística; sobretudo no trabalho de reportar a realidade dos que vivem à margem do interesse público e midiático, em um esforço por fazer da narrativa um registro, também histórico, das vozes tradicionalmente silenciadas – ou, por vezes demais, esquecidas.

Tal qual pontuado por Cilene Victor (2016, p. 54), o jornalismo, em cenários de conflitos e crises humanitárias, deve ir além da descrição burocrática dos acontecimentos, sobrepondo “a dimensão humana dos fatos ao fato propriamente dito”, desafiando o agendamento tradicional com “o protagonismo aos que estão no centro dessa crise como um recurso indispensável para a construção de uma opinião pública lúcida, pensante, atuante e sensível ao desenvolvimento da compreensão e da solidariedade”.

Ao analisar estudos que versam sobre o papel da Comunicação para uma Cultura de Paz, a partir dos apontamentos iniciais de Galtung que relacionam a produção simbólica à violência cultural, buscou-se sublinhar os fundamentos e recursos comuns à proposta de uma Epistemologia Complexo-Compreensiva. O presente ensaio intentou, assim, empreender aproximações entre esses campos do conhecimento, na visada interdisciplinar teoricamente ressaltada por ambos, evidenciando dispositivos narrativos que podem ser acionados, no plano da prática profissional, para a construção de um repertório noticioso atento aos problemas essenciais da contemporaneidade.

O estudo interpretativo, ainda que introdutório, do trabalho de reportagem de Paulo Moura e de Bru Rovira permitiu identificar, no âmbito de suas coberturas sobre conflitos na África, a mirada jornalística capaz de conjugar os valores complexo-compreensivos aqui expostos, sob a configuração de narrativas que manifestam uma nova rota para a ética jornalística, traçando conexões dialógicas entre jornalistas, fontes, as histórias que narram e as consequências de suas reportagens. O jornalismo, como bem recorda Raúl Osorio Vargas (2017), mostra e ilumina caminhos, leva-nos ao Humano Ser.

## REFERÊNCIAS

- BIONDI, Angie Gomes. 2013. *Corpo sofredor: figuração e experiência no fotojornalismo*. 220f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- BUBER, Martin. 1982. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- BUBER, Martin. 1949. *Qué es el hombre?*. México: Fondo de Cultura Económica.
- CABRAL, Raquel; SALHANI, Jorge. 2017. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. *E-Compós*, 20(3). Disponible en: <<https://doi.org/10.30962/ec.v20i3.1371>> [consultado el 18 dec. 2018].
- CERTEAU, Michel. 1994. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

- GALTUNG, Johan. 1998. *Tras la violencia, 3R: reconstrucción, reconciliación, resolución*. Afrontando los efectos visiones e invisibles de la guerra y la violencia. Bilbao: editorial Bakeas.
- GALTUNG, Johan. 1969. Violence, peace, and peace research. *Journal of Peace Research*, v. 6, n. 3, p. 167-191.
- KLAUTAU, Carolina Moura. 2018. *Jornalismo, incerteza e complementaridade de opostos: um diálogo compreensivo*. 268 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero.
- KRAMER, Mark. 2005. Prefácio. In: MOURA, Paulo. *Passaporte para o céu*. Portugal: Dom Quixote.
- KRISTEVA, Julia. 1994. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- KÜNSCH, Dimas. 2000. *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume; FAPESP.
- KÜNSCH, Dimas. 2005. *Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística*. *Communicare*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 43-54.
- KÜNSCH, Dimas. 2010. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, Luis M. S. (Orgs.). *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Editora Plêiade.
- LÉVINAS, Emmanuel. 1997. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LYNCH, Jake; MCGOLDRICK, Annabel. 2000. *Peace Journalism – What is it? How to do it?*. Disponible en: <<http://bit.ly/2kCWtdY>>. [consultado el 20 jun. 2018].
- LYNCH, Jake; MCGOLDRICK, Annabel. 2007. Peace Journalism. In: WEBEL, Charles; GALTUNG, Johan. (Orgs.). *Handbook of Peace and Conflict Studies*. Nova York: Routledge, p. 248-264.
- MAFFESOLI, Michel. 2010. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2002. *O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio*. Ijuí-RS: Editora Unijuí.

- MARTINO, Luís Mauro Sá. 2010. O desafio epistemológico de compreender o outro. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, Luis M. S. (Org.). *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Editora Plêiade.
- MARTINS, Carla. 2012. Paulo Moura à JJ: O jornalismo livre é uma espécie de orquídea que nasceu no asfalto. *Jornalismo & Jornalistas*, Lisboa, n. 52, p. 26-32. Disponible en: <<http://www.clubedejornalistas.pt/uploads/JJ52.pdf>> [consultado el 17 dec. 2018].
- MEDINA, Cremilda. 2006. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus.
- MOREIRA, João. 2017. Paulo Moura: um olhar humano sobre o mundo. *Revista Bica*, Viseu, PT, n. 1, p. 116-124. Disponible en: <[https://issuu.com/revistabica/docs/bica\\_1](https://issuu.com/revistabica/docs/bica_1)> [consultado el 17 dec. 2018].
- MORIN, Edgar. 2002. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed.. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco.
- MORIN, Edgar; WULF, Christoph. 2003. *Planeta: a aventura desconhecida*. São Paulo: Editora da Unesp.
- MOURA, Paulo. 2005. *Passaporte para o céu*. Portugal: Dom Quixote, 2005.
- RESTREPO, Luis Carlos. 1998. *O direito à ternura*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ROVIRA, Bru. 2006. *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos*. 2. ed. Barcelona: RBA Libros.
- SALINAS, Alex. 2014. Periodismo y comunicación para la paz. Indicadores y marco regulatório. *Revista Comunicación y Ciudadanía Digital – COMMONS*, v. 3, n. 1, p. 57-92.
- SODRÉ, Muniz. 2009. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes.
- SONTAG, Susan. 2003. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TUCHMAN, Gaye. 1972. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 77, n. 2.

- VARGAS, Raúl Hernando Osorio. 2017. *El reportaje como metodología del periodismo: una polifonía de saberes*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia.
- VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. 2015. A notícia como desacontencimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. *Revista Comunicação Midiática* (Online), Bauru/SP, V. 10, N. 3, p.135-150.
- VICTOR, Cilene. 2016. Crise humanitária e refugiados da guerra e do clima: dos protocolos internacionais às narrativas jornalísticas. *Líbero*. São Paulo, v. 19, n. 37-A, p. 45-54. Disponible en: <[https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/04/CasperLibero\\_ed37-A\\_CileneVictor.pdf](https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/04/CasperLibero_ed37-A_CileneVictor.pdf)> [consultado el 05 jul. 2018].
- UNHCR. United Nations High Commissioner for Refugees. 2018. *Global Trends – Forced Displacement in 2017*. UNHCR. Disponible en: <<http://www.unhcr.org/en-us/statistics/unhcrstats/5b27be547/unhcr-global-trends-2017.html>> [consultado el 12 nov. 2018].